

# A LENDA DO CAVALEIRO SEM CABEÇA



**WASHINGTON IRVING**

Tradução e edição  
**CIDICLEI MEDEIROS**

Esta obra é de acesso livre para fins educacionais.

É permitida a impressão, cópia e distribuição gratuita deste livro para uso didático, pedagógico e não comercial, desde que mantidos os créditos do autor e a integridade do conteúdo.

É proibida a venda, alteração do conteúdo ou uso comercial sem autorização prévia e expressa do titular dos direitos.

Título: A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça  
Responsável pela tradução e edição: Cidiclei da Silva Medeiros

1ª edição – 2026  
Salvador – BA – Brasil  
Publicação independente

<https://www.imagismo.com.br/inicio>



# A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça

Washington Irving

Texto Original: [Project Gutenberg](#)

Língua Original: Inglês (1819)

Suporte tecnológico de IA na tradução: Gemini (Google)

Tradução, edição, revisão e adaptação literária: Prof. Cidiclei Medeiros



Washington Irving (1783–1859), pioneiro das letras norte-americanas e considerado o pai do conto americano, foi o primeiro escritor de seu país a conquistar aclamação internacional ao unir o folclore europeu à atmosfera da jovem nação. Embora formado em direito, dedicou-se inteiramente à literatura e à diplomacia, imortalizando-se com a publicação de *The Sketch Book* (1819–1820), obra que abriga os célebres clássicos *A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça* e *Rip Van Winkle*. Seu estilo, marcado por uma prosa romântica, elegante e fluida, também se estendeu ao registro histórico e poético em *Contos da Alhambra* (1832), fruto de seus anos na Espanha, estabelecendo um legado estético fundamental que moldou a identidade cultural e literária dos Estados Unidos.

## ENCONTRADO ENTRE OS PAPÉIS DO FALECIDO DIEDRICH KNICKERBOCKER

Uma terra aprazível de sonhos divagantes,  
De visões que flutuam ante os olhos semicerrados;  
E de castelos radiantes nas nuvens passageiras,  
Que colorem para sempre o firmamento de verão.  
— O Castelo da Indolência

No seio de uma daquelas amplas enseadas que recortam a margem oriental do rio Hudson, na larga expansão fluvial que os antigos navegadores holandeses denominavam Tappan Zee — e onde sempre, por prudência, encolhiam as velas e imploravam a proteção de São Nicolau —, situa-se uma pequena cidade comercial ou porto rural, que alguns chamam Greensburgh, mas que é mais conhecida, por justiça, pelo nome de Tarry Town.

Conta-se que esse nome foi atribuído, em tempos remotos, pelas boas donas de casa dos arredores, em virtude do hábito inveterado que os maridos tinham de se demorarem na taverna do vilarejo nos dias de feira. Seja como for, não dou garantias sobre o fato, mas apenas o menciono em favor da precisão e da autenticidade.

Não muito longe desse povoado, talvez a uma distância de três quilômetros, estende-se um pequeno vale, ou antes, uma dobra de terra entre colinas elevadas, que figura como um dos recantos mais pacíficos do mundo inteiro. Um diminuto riacho desliza por ali com um murmúrio sutil, bastante para embalar o repouso; e o assobio ocasional de uma codorna ou o tamborilar de um pica-pau são quase os únicos sons que rompem a uniformidade daquele silêncio.

Recordo-me de que, na juventude, minha primeira façanha na caça de esquilos ocorreu em um bosque de altas nogueiras que sombreava um dos flancos do vale. Eu me adentrara ali ao meio-dia, instante em que toda a natureza se mostra peculiarmente silenciosa, e sobressaltei-me com o estrondo de minha própria arma; o disparo rompeu a quietude dominical do entorno, prolongado e reverberado por ecos furiosos. Se algum dia eu almejar um refúgio para escapar do mundo e de suas distrações, a fim de devanear em paz pelo tempo que me reste de uma existência atribulada, não conheço recanto mais promissor do que este pequeno vale.

Em virtude da letargia do lugar e do caráter peculiar de seus habitantes — descendentes dos colonizadores holandeses originais —, esse vale isolado é conhecido, há muito tempo, pelo nome de Sleepy Hollow, e os rapazes rústicos dali recebem a alcunha de Rapazes de Sleepy Hollow em toda a região circunvizinha. Uma influência sonolenta e onírica parece pairar sobre a terra e permear a própria atmosfera. Há quem diga que o lugar foi enfeitado por um médico alemão nos primórdios do povoamento; outros afirmam que um antigo chefe indígena, profeta ou feiticeiro de sua tribo, ali realizava seus rituais antes que a região fosse descoberta pelo capitão Hendrick Hudson. É certo, de qualquer modo, que o lugar permanece sob o domínio de algum poder mágico, que lança um feitiço sobre a mente do povo e o induz a vagar em constante devaneio. Os moradores mostram-se propensos a toda sorte de crenças maravilhosas, sujeitos a transes e visões; com frequência,

testemunham prodígios e ouvem músicas e vozes no ar. Toda a vizinhança abunda em lendas locais, lugares assombrados e superstições crepusculares; estrelas cadentes e meteoros cruzam o céu com mais frequência sobre o vale do que em qualquer outra parte do país, e a incubo, com todo o seu cortejo maligno, parece fazer dali o cenário predileto de suas travessuras.

O espírito dominante, contudo, que assombra essa região encantada e figura como o comandante-em-chefe de todos os poderes do ar, é a aparição de uma figura equestre, sem cabeça. Dizem alguns tratar-se do espectro de um soldado hessiano, cuja cabeça foi decepada por uma bala de canhão em uma batalha anônima durante a Guerra Revolucionária; os camponeses que se apressam na escuridão da noite o avistam de tempos em tempos, como se ele singrasse nas asas do vento. Suas incursões não se limitam ao vale, mas estendem-se, por vezes, às estradas adjacentes e, em especial, às proximidades de uma igreja não muito distante. Com efeito, os historiadores mais fidedignos daquela paróquia, que se esmeraram em coligir e ordenar os relatos dispersos sobre o espectro, asseveram que o corpo do soldado jaz sepultado no adro da igreja, de onde o fantasma cavalga rumo ao campo de batalha em busca da cabeça a cada noite; a velocidade vertiginosa com que ele por vezes cruza o vale, qual uma lufada de vento à meia-noite, decorre de seu atraso e do consequente apuro para retornar ao cemitério antes do romper da alvorada.

Tal é o teor geral dessa superstição lendária, a qual forneceu matéria para inúmeras histórias fantásticas naquela região de sombras; o espectro é conhecido em todas as habitações rurais sob a alcunha de O Cavaleiro Sem Cabeça de Sleepy Hollow.

É digno de nota que a propensão visionária outrora mencionada não se restrinja aos habitantes nativos do vale; ela é absorvida de forma inconsciente por todos os que ali residem por algum tempo. Por mais despertos que se mostrassem antes de adentrarem aquela paragem sonolenta, é certo que, em pouco tempo, inalarão a influência mágica do ar, passarão a desenvolver a imaginação, a acalentar sonhos e a testemunhar aparições.

Menciono esse recanto pacífico com o maior entusiasmo possível; afinal, é em pequenos e isolados vales holandeses como este, dispersos aqui e acolá pelo vasto estado de Nova Iorque, que a população, os costumes e as tradições permanecem imutáveis. Enquanto isso, a grande torrente de migração e progresso, que provoca transformações incessantes nas demais partes deste país inquieto, passa por eles sem ser notada. Tais vales assemelham-se àquelas pequenas reenâncias de águas calmas que margeiam um riacho caudaloso, onde se podem ver a palha e as bolhas de ar a flutuar em tranquila ancoragem, ou a girar lentamente em seu porto simulado, imperturbáveis perante a força da correnteza. Embora muitos anos tenham decorrido desde que pisei sob as sombras de Sleepy Hollow, ainda me pergunto se não encontraria as mesmas árvores e as mesmas famílias a vegetar em seu seio protegido.

Nesse recanto da natureza, em um período remoto da história americana, ou seja, há uns trinta anos, viveu um digno sujeito chamado Ichabod Crane, que permaneceu — ou, como ele mesmo dizia, “ficou” — em Sleepy Hollow, com o propósito de instruir as crianças da região. Era natural de Connecticut, estado que fornece à União pioneiros tanto para o intelecto quanto para a floresta, e que envia anualmente legiões de lenhadores e professores rurais. O cognome Crane, que

significava gouro, não era inadequado à sua aparência. Alto, porém extremamente magro, tinha ombros estreitos, braços e pernas compridos, mãos que pareciam pender para fora das mangas, pés que poderiam servir de pás, e todo o corpo era desproporcional. Sua cabeça era pequena, achatada no topo, com orelhas enormes, grandes olhos verdes vítreos e um longo nariz adunco, de modo que parecia um catavento empoleirado no pescoço fino, a indicar a direção do vento. Ao vê-lo caminhar ao longo do perfil de uma colina em um dia de ventania, com as vestes esvoaçantes e a tremular ao redor, qualquer um poderia confundi-lo com o gênio da fome a descer sobre a Terra, ou com algum espantalho fugido de um milharal.

Sua escola era uma construção baixa, composta por um único cômodo amplo, rudimentarmente erguida com toras de madeira; as janelas eram parcialmente envidraçadas e parcialmente remendadas com folhas de cadernos antigos. Nos horários de menor movimento, a porta era engenhosamente trancada com um galho de vime torcido na maçaneta e estacas fixadas nas venezianas; de modo que, embora um ladrão pudesse entrar com total facilidade, teria dificuldades para sair — ideia provavelmente tirada pelo arquiteto, Yost Van Houten, do mistério de uma armadilha para enguias. A escola situava-se em local isolado, mas agradável, bem ao pé de uma colina arborizada, com um riacho a correr próximo e uma imponente bétula a crescer em uma das extremidades. Dali, o murmúrio baixo das vozes dos alunos, a estudar as lições, podia ser ouvido em um sonolento dia de verão, como o zumbido de uma colmeia. O silêncio era interrompido de vez em quando pela voz autoritária do mestre, em tom de ameaça ou ordem, ou, talvez, pelo som aterrador da vara de bétula, enquanto ele conduzia algum retardatário pelo caminho florido do conhecimento. À bem da verdade, Crane era um homem consciencioso e sempre tinha em mente a máxima de ouro: "Quem poupa a vara, estraga a criança". Os alunos de Ichabod Crane certamente não eram mimados.

Eu jamais imaginaria, porém, que ele fosse um daqueles potentados cruéis da escola que se deleitam com a dor de seus súditos; pelo contrário, ele administrava a justiça com discernimento, e não com severidade, a retirar o fardo dos ombros dos fracos para depositá-lo sobre os dos fortes. O rapaz franzino e medroso, que se encolhia ao menor golpe da vara, recebia sua indulgência; por outro lado, as exigências da justiça encontravam satisfação na aplicação de uma porção dupla a algum pirralho holandês, obstinado e de saias largas, que se mostrava emburrado, intumescido e rebelde sob os açoites da bétula. A tudo isso ele chamava "cumprir o dever para com os pais"; e jamais impunha um castigo sem acompanhá-lo da garantia, deveras consoladora para o garoto fustigado, de que "ele se lembraria do ocorrido e lhe agradeceria por aquilo até o último de seus dias".

Ao término das aulas, ele se tornava inclusive companheiro e camarada de folguedos dos rapazes mais velhos; e, nas tardes de feriado, escoltava até a residência alguns dos menores, cujas famílias porventura possuíssem irmãs belas ou mães que fossem donas de casa exemplares, afamadas pelo bom provimento da despensa. Com efeito, convinha-lhe manter um relacionamento harmonioso com seus pupilos. Os proventos da escola eram exíguos e mal bastariam para lhe assegurar o sustento diário, haja vista que ele era um comilão de primeira ordem e, malgrado a silhueta magra, possuía a capacidade de dilatação de uma anaconda; contudo, para o auxílio de sua manutenção, ele era, consoante o costume rural daquelas paragens, hospedado e alimentado nas

propriedades dos fazendeiros cujos filhos instruía. Sob o teto desses lavradores ele residia sucessivamente, uma semana de cada vez, a peregrinar pela vizinhança com todos os seus haveres atados em um lenço de algodão.

Para que tamanha hospitalidade não pesasse em demasia no bolso de seus rústicos patronos — propensos a considerar os custos da educação um fardo oneroso e os professores meros operários —, ele dispunha de variados meios para se tornar útil e benquisto. Ocasionalmente, auxiliava os lavradores nos labores mais leves de suas propriedades: cooperava na colheita do feno, reparava as cercas, levava os cavalos à fonte, conduzia as vacas ao pasto e rachava a lenha para as fogueiras de inverno. Despia-se, outrossim, de toda a dignidade soberana e do arbítrio absoluto com que governava o seu pequeno império, a escola, para mostrar-se maravilhosamente gentil e cativante. Conquistava a simpatia das mães ao acarinhar os pequeninos, sobretudo os de colo; e, à semelhança do leão magnânimo que outrora protegia o cordeiro, sentava-se com uma criança nos joelhos e embalava o berço com o pé por horas consecutivas.

Além de suas demais aptidões, ele exercia a função de mestre de canto da vizinhança e amalhava algumas moedas com o ensino da salmodia aos jovens. Aos domingos, postava-se com indisfarçável orgulho à frente da galeria da igreja, a liderar um coro de cantores escolhidos a dedo, cenário onde, em sua própria estimativa, eclipsava por completo a figura do pároco. É fato incontestado que sua voz ressoava muito acima de toda a assembleia; e ainda hoje se contam histórias de notas peculiares naquela capela — audíveis a quase um quilômetro de distância, do outro lado do lago, na calmaria das manhãs dominicais —, as quais dizem ter sido legitimamente herdadas do timbre anasalado de Ichabod Crane. Assim, por meio de expedientes diversos, mediante essa engenhosa arte comumente denominada "por linhas diretas ou tortas", o digno pedagogo garantia um sustento razoável, sendo considerado, por todos os que desconheciam o labor árduo do magistério, um homem de vida maravilhosamente fácil.

O professor costuma ser um homem de inegável importância no círculo feminino de uma vizinhança rural; figura como uma espécie de cavalheiro ocioso, de gosto e habilidades muito superiores aos dos rudes camponeses, inferior em instrução apenas ao pároco. Sua presença, portanto, tende a causar certo alvoroço à mesa de chá de uma casa de fazenda, a motivar a adição de um prato extra de bolos ou conservas, ou, porventura, a exibição de um bule de prata. Nosso homem de letras, por conseguinte, sentia-se particularmente feliz com os sorrisos de todas as moças do campo. Como se destacava entre elas no adro da igreja, nos intervalos entre os cultos de domingo! Ora colhia uvas silvestres das videiras que invadiam as árvores ao redor para ofertá-las às jovens; ora recitava, para o entretenimento do grupo, os epitáfios das lápides, ou passeava em sua companhia ao longo das margens do lago do moinho adjacente, enquanto os camponeses mais tímidos recuavam, envergonhados, a invejar-lhe a elegância e a desenvoltura superiores.

Em virtude de sua vida semi-itinerante, ele funcionava também como uma sorte de gazeta ambulante, a levar de casa em casa todas as novidades locais, de modo que sua aparição era sempre acolhida com satisfação. Ademais, gozava da estima das mulheres por ser homem de grande erudição, haja vista que lera vários livros de cabo a rabo e demonstrava perfeito conhecimento da

História da Bruxaria na Nova Inglaterra, de Cotton Mather, obra em que, aliás, acreditava com cega convicção.

Ele era, em verdade, uma mistura peculiar de astúcia arguta e credulidade simplória. Seu apetite pelo maravilhoso e sua capacidade de assimilá-lo mostravam-se igualmente extraordinários, e ambos haviam sido intensificados por sua estada naquela paragem encantada. Nenhuma narrativa revelava-se grotesca ou monstruosa demais para a sua voracidade. Muitas vezes, após o término das aulas vespertinas, ele se comprazia em estender-se no rico leito de trevos que margeava o ribeiro a murmurar ao lado da escola; ali, detinha-se nas terríveis crônicas do velho Mather até que o crepúsculo transformasse a página impressa em mera névoa diante de seus olhos.

Em seguida, enquanto palmilhava pântanos, riachos e bosques lúgubres rumo à fazenda onde se hospedava, cada som da natureza, naquela hora mágica, sobressaltava sua imaginação excitada: o lamento do bacurau na encosta, o coaxar agourento da rã-arborícola — esse eterno prenúncio de tempestade —, o piar melancólico do mocho ou o farfalhar repentino de aves assustadas em seus poleiros. Os vaga-lumes, que fulguravam com maior intensidade nos recessos mais sombrios, de vez em quando o assustavam quando um deles, de brilho incomum, cruzava a sua trajetória; e se, porventura, um enorme e desajeitado besouro esbarrasse contra ele em pleno voo, o pobre coitado dava-se por perdido, sob a ideia de que fora atingido por um esconjuramento.

Seu único recurso nessas ocasiões, fosse para afogar os pensamentos, fosse para afastar os espíritos malignos, consistia em cantar salmos; e os bons moradores de Sleepy Hollow, sentados à porta de suas moradas ao anoitecer, com frequência tomavam-se de reverência ao ouvirem aquela melodia anasalada, "em doçura prolongada e cadenciada", a flutuar da colina distante ou ao longo da estrada escura.

Outra de suas fontes de temeroso prazer consistia em passar longas noites inverniais junto às velhas matronas holandesas, enquanto estas fiavam ao lado da lareira, com uma fileira de maçãs a assar e a crepitar ao calor do fogo. Ichabod escutava suas histórias maravilhosas de espectros e duendes, de campos, pontes e casas assombradas, e, particularmente, do cavaleiro sem cabeça, ou o Hessiano Galopante do Vale, como por vezes o denominavam. Ele as encantava de igual maneira com suas anedotas de feitiçaria e dos presságios terríveis, visões e sons portentosos que singravam os céus nos tempos antigos de Connecticut; assustava-as, outrossim, com especulações sobre cometas e estrelas cadentes, além de confrontá-las com o alarmante fato de que a Terra realmente girava e que elas passavam metade do tempo de cabeça para baixo!

Se de um lado havia tamanho contentamento enquanto ele se aconchegava no canto da lareira, em um aposento banhado pelo reflexo avermelhado da lenha a crepitar — onde, por óbvio, nenhum espectro ousava mostrar a face —, tal deleite cobrava um preço caro, pago com os pavores de sua subsequente jornada de retorno a casa. Que formas e sombras lúgubres assomavam em seu caminho, sob o brilho tênue e fantasmagórico de uma noite de inverno! Com que olhar desalentado ele observava cada réstia de luz trêmula que, a partir de alguma janela distante, singrava os campos desolados! Ora se apavorava com um arbusto coberto de neve que, qual espectro amortalhado, barrava-lhe o passo; ora encolhia-se de pavor ao som dos próprios passos a estalar na crosta gelada sob os pés, temeroso de olhar por sobre o ombro, sob o receio de avistar alguma criatura grotesca a

marchar logo atrás de si. Quantas vezes se viu tomado de absoluto espanto ante uma lufada de vento mais forte, a uivar entre as copas das árvores, crente de que se tratava do Hessiano Galopante em uma de suas rondas noturnas!

Todos esses, contudo, eram meros terrores da noite, fantasmas da mente que vagam nas trevas; e embora ele tivesse vislumbrado muitos espectros em seu tempo, e sofrido mais de uma vez o assédio de Satanás sob diversas formas em suas solitárias andanças, a luz do dia punha termo a todos esses males. Ele teria desfrutado uma existência aprazível, malgrado o Diabo e todas as suas obras, se o seu caminho não fosse interceptado por um ser que causa mais perplexidade ao homem mortal do que fantasmas, duendes e toda a linhagem de bruxas reunida; e esse ser era — uma mulher.

Entre os discípulos musicais que se reuniam, uma noite por semana, a fim de receber suas lições de salmodia, destacava-se Katrina Van Tassel, filha única de um abastado fazendeiro holandês. Era uma jovem exuberante de dezoito anos; rechonchuda como uma perdiz; viçosa, dócil e de faces rosadas como os pêssegos do pomar paterno, e universalmente afamada não apenas por sua beleza, mas por suas vastas expectativas de herança. Revelava-se, ademais, um tanto coquete, traço perceptível até mesmo em seus trajes, os quais mesclavam modas antigas e modernas de modo a realçar os seus encantos. Exibia ornamentos de ouro puro e reluzente, trazidos de Saardam por sua trisavó; ostentava o tentador corpete de outrora e uma anágua provocantemente curta, a deixar à mostra os pés e os tornozelos mais graciosos de toda a redondeza.

Ichabod Crane possuía um coração dócil e vulnerável no tocante ao sexo feminino; não causava espécie, portanto, que iguaria tão tentadora de pronto lhe cativasse os olhos, em especial após visitá-la em sua mansão paterna. O velho Baltus Van Tassel constituía a imagem perfeita de um lavrador próspero, satisfeito e munificente. Em verdade, raramente ele voltava os olhos ou os pensamentos para além dos limites de sua propriedade; contudo, dentro daqueles marcos, tudo se mostrava aconchegante, feliz e bem provido. Sentia-se contente com a própria opulência, mas desprovido de orgulho por ela; desvanecia-se antes da fartura do que do estilo de vida que ostentava. Sua fortaleza situava-se às margens do rio Hudson, em um daqueles recantos verdejantes, abrigados e férteis onde os colonos holandeses tanto apreciam se instalar. Um imenso olmo estendia seus amplos ramos por sobre a morada, a cujos pés brotava uma fonte da água mais límpida e suave, recolhida em um pequeno poço feito de um barril; dali, a fulgurar sob o sol, o filete d'água escapava pela relva rumo a um ribeiro próximo, a murmurar entre amieiros e salgueiros anões.

Próximo à residência, erguia-se um vasto celeiro que bem poderia servir de templo; cada fresta e janela parecia transbordar com os tesouros da colheita. O mangual ressoava ali dentro sem trégua, da manhã à noite; andorinhas e andorinhões em voos rasantes chilreavam ao redor dos beirais, enquanto fileiras de pombos — alguns com um olho voltado ao céu, qual observadores do tempo, outros com a cabeça sob as asas ou aninhada no peito, e outros ainda intumescidos, a arrulhar e a curvar-se perante as companheiras — desfrutavam do sol no telhado. Suínos luzidios e corpulentos grunhiam no repouso e na abundância de seus cercados, de onde saíam, de tempos em tempos, ninhadas de leitões lactentes, como que a farejar o ar. Um majestoso esquadrão de gansos níveos singrava um lago próximo, a escoltar bandos inteiros de patos; regimentos de perus

cacarejavam pelo pátio, e galinhas-d'angola se agitavam, à semelhança de matronas mal-humoradas, com seus gritos irritadiços e descontentes. Diante da porta do celeiro, pavoneava-se o galo galante, modelo de esposo, guerreiro e cavalheiro, a bater as asas reluzentes e a cantar com o orgulho e a alegria d'alma — ora a ciscar a terra com os pés, ora a chamar, generoso, sua comitiva sempre faminta de consortes e pintainhos para partilhar do rico manjar que acabara de descobrir.

A boca do pedagogo salivou ao contemplar tamanha promessa de um suntuoso banquete invernal. Em sua mente ávida, ele visualizou cada leitão já assado, a correr com um pudim nas entranhas e uma maçã na bocarra; os pombos aconchegados em uma confortável torta, resguardados por uma espessa camada de massa; os gansos a nadar em seu próprio molho e os patos emparelhados em travessas, quais casais namorados, sob uma generosa porção de creme de cebolas. Nos suínos, ele vislumbrou fatias de toucinho bem aparadas e presuntos de irrepreensível suculência; não havia um peru sequer que não se mostrasse delicadamente ornamentado, com a moela sob a asa e, porventura, um colar de saborosas linguças; até mesmo o garboso galo jazia estirado de costas, em um prato de guarnição, com as esporas erguidas, qual se suplicasse, na morte, a esmola que seu espírito cavalheiresco se recusara a pedir em vida.

Ao tempo em que o extasiado Ichabod imaginava tais prodígios, e enquanto volvia seus grandes olhos verdes pelas férteis pradarias, pelos ricos campos de trigo, centeio, trigo-sarraceno e milho, bem como pelos pomares carregados de frutos rubros que circundavam a acolhedora morada de Van Tassel, seu coração ansiava pela donzela incumbida de herdar esses domínios. Sua imaginação expandia-se com a ideia de quão facilmente aquelas terras seriam convertidas em pecúnia, e o dinheiro investido em imensas extensões de glebas virgens e palacetes de madeira nos confins do oeste. Aliás, sua mente fértil já antecipava os desejos e lhe apresentava a radiante Katrina, acompanhada por numerosa progênie, refestelada no teto de uma carroça repleta de utensílios domésticos, com painéis e chaleiras a balançar na parte inferior; ao mesmo tempo, ele se avistava a cavalgar uma égua a passo largo, com um potro a acompanhá-lo, rumo ao Kentucky, ao Tennessee — ou a qualquer outra paragem remota do continente!

Ao transpô-lo, a conquista de seu coração completou-se. Tratava-se de uma daquelas espaçosas moradas rurais, de tetos elevados, porém de suave inclinação, edificadas no estilo herdado dos primeiros colonizadores holandeses; os beirais baixos e salientes projetavam-se de modo a formar, na fachada, um alpendre que bem podia ser cerrado nas intempéries. Sob essa cobertura, achavam-se suspensos manguais, arreios, diversos utensílios agrícolas e redes para a pesca no rio vizinho. Bancos de madeira estendiam-se pelas laterais, dispostos para o descanso estival; ademais, uma grande roca de fiar em uma das extremidades e uma bateadeira de manteiga na outra atestavam as múltiplas utilidades a que se destinava aquele importante recinto.

Dali, o deslumbrado Ichabod ingressou no vestíbulo, que constituía o centro da mansão e o aposento de residência habitual. Nesse local, fileiras de baixelas de estanho resplandecente, alinhadas sobre um longo aparador, ofuscaram-lhe a vista. Em um canto, repousava um enorme saco de lã, pronto para a fiação; em outro, via-se considerável porção de tecido de linho e lã recém-saída do tear. Espigas de milho e cordões de maçãs e pêssegos desidratados pendiam em festões viçosos ao longo das paredes, a mesclar-se com a profusão de pimentas vermelhas; por fim,

uma porta entreaberta permitia-lhe espreitar a sala de visitas principal, onde as cadeiras de pés recurvados e as mesas de mogno escuro cintilavam quais espelhos; os cremalheiros da lareira, com a tenaz e a pá regulamentares, reluziam sob a ramagem decorativa de aspargos; jasmims-do-mato e conchas marinhas adornavam a cornija; cordões de ovos de aves de variadas matizes achavam-se suspensos acima dela; um grande ovo de avestruz pendia bem ao centro do teto, e um armário de canto, intencionalmente franqueado, exibia imensos tesouros em pratas antigas e porcelanas minuciosamente preservadas.

A partir do momento em que Ichabod deitou os olhos sobre tais paragens de deleite, sua paz de espírito ruiu por completo, e seu único objetivo passou a ser a conquista do afeto da incomparável filha de Van Tassel. Nessa empresa, contudo, ele se deparou com dificuldades muito maiores do que as comumente enfrentadas pelos cavaleiros andantes de outrora. Estes raramente tinham de lidar com algo além de gigantes, feiticeiros, dragões flamejantes e outros adversários de fácil subjugação; bastava-lhes abrir caminho através de portões de ferro e bronze e muralhas de diamante até a torre principal do castelo onde a amada se achava confinada — façanha que realizavam com a mesma facilidade com que um homem abre caminho até o recheio de uma torta de Natal —, e a dama logo lhes concedia a mão, como era de praxe.

Ichabod, ao contrário, precisava conquistar o coração de uma coquete aldeã, cercada por um labirinto de caprichos e veleidades que a todo tempo erguiam novas dificuldades e obstáculos. Ademais, ele se via na contingência de enfrentar uma falange de oponentes temíveis, de carne e osso: os numerosos pretendentes rústicos que sitiavam cada portal daquele coração, a manter um olhar vigilante e colérico uns sobre os outros, mas prontos para se unirem em defesa da causa comum perante qualquer novo concorrente.

Entre eles, o mais formidável era um hercúleo, ruidoso e fanfarrão guerreiro, chamado Abraham — ou, consoante a abreviação holandesa, Brom Van Brunt —, o herói de toda a redondeza, afamado por seus feitos de força e audácia. Dotado de ombros largos e membros vigorosos, exibia cabelos pretos, curtos e anelados, bem como um semblante franco, embora altivo, onde se mesclavam a vivacidade e a arrogância. Em virtude de sua compleição atlética e extraordinário vigor físico, recebeu a alcunha de Brom Bones, pela qual era universalmente conhecido. Destacava-se por sua destreza na equitação, a mostrar-se tão ágil sobre o corcel quanto um tártaro. Era o primeiro em todas as carreiras e rinhas de galo; e, com a ascendência que a força bruta sempre adquire na vida rústica, figurava como árbitro supremo em todas as querelas: garboso, inclinava o chapéu de lado e proferia suas decisões com um tom que não admitia contestação ou apelo. Mostrava-se sempre pronto tanto para uma contenda quanto para uma folia; havia, contudo, mais pendor para a travessura do que maldade em sua essência e, malgrado sua rudeza prepotente, guardava forte dose de bom humor no fundo d'alma. Tinha três ou quatro companheiros inseparáveis, que o elegiam como modelo, à frente dos quais palmilhava a região a fim de tomar parte em todas as cenas de rixa ou folguedo num raio de milhas. No inverno, distinguia-se por um gorro de pele encimado por uma vistosa cauda de raposa; e quando os aldeões, em uma reunião rural, avistavam esse brasão familiar à distância, a galopar entre um bando de cavaleiros destemidos, sabiam que uma tempestade se avizinhava. Às vezes, ouvia-se o seu bando a passar a galope pelas fazendas à meia-noite, entre gritos e aclamações, qual uma tropa de cossacos do Don;

as velhas matronas, despertadas sobressaltadas do sono, escutavam por um instante o ruído estrondoso e exclamavam: “Eis que lá vai Brom Bones com o seu bando!” Os vizinhos o miravam com uma mistura de temor, admiração e complacência; e, quando alguma travessura desmedida ou contenda rústica sucedia nas proximidades, meneavam a cabeça, crenes de que Brom Bones estava por trás do ocorrido.

Este herói das tabernas elegera, havia já algum tempo, a florescente Katrina como objeto de suas galanterias rudes; e embora suas investidas amorosas se assemelhassem aos afagos e ternuras de um urso, sussurrava-se que ela não desencorajava por completo as suas pretensões. Por certo, suas visitas eram o sinal para que os pretendentes rivais debandassem, pois ninguém se mostrava inclinado a cruzar o caminho de um leão em seus amores; tanto era assim que, quando o seu cavalo era avistado amarrado à cerca dos Van Tassel em uma noite de domingo — indício claro de que o amo estava a cortejar, ou, na linguagem da terra, “a fazer o seu galanteio” —, todos os demais concorrentes passavam ao largo, em desespero, a buscar fortuna em outras paragens.

Tal era o temível rival com quem Ichabod Crane haveria de competir; e, tudo considerado, um homem mais forte teria recuado diante de tamanha disputa, e um mais sábio teria se entregado ao desespero. Ele possuía, contudo, uma feliz harmonia de flexibilidade e perseverança em sua índole; assemelhava-se, em forma e espírito, a uma vara de salgueiro — maleável, porém resistente; conquanto se curvasse, jamais se partia; e embora cedesse à menor pressão, no exato instante em que esta cessava — zás! — lá estava ele a se endireitar e a manter a cabeça tão erguida quanto antes.

Entrar em campo abertamente contra tal adversário seria rematada loucura, pois Brom não era homem de se deixar frustrar em seus amores, tal qual aquele impetuoso amante da Antiguidade, Aquiles. Ichabod, por conseguinte, conduziu suas investidas de maneira silenciosa e sutilmente insinuante. Sob o pretexto de mestre de canto, fazia visitas frequentes à fazenda; não que tivesse algo a temer da intromissão dos pais, obstáculo que amiúde se interpõe no caminho dos namorados. Balt Van Tassel era uma alma pacata e indulgente; amava a filha mais do que ao seu próprio cachimbo e, como homem sensato e excelente pai, permitia que ela governasse as próprias vontades. Sua operosa consorte, por sua vez, também se via absorta em múltiplos afazeres, a cuidar da casa e do galinheiro; pois, como bem observava, os patos e os gansos são criaturas tolas e necessitam de vigilância, ao passo que as moças sabem muito bem cuidar de si.

Assim, enquanto a atarefada matrona se movimentava pelo interior da casa ou girava sua roca em uma das extremidades do alpendre, o honesto Balt sentava-se a fumar seu cachimbo crepuscular na outra, a contemplar as proezas de um pequeno guerreiro de madeira que, armado com uma espada em cada mão, combatia bravamente o vento no pináculo do celeiro. Enquanto isso, Ichabod prosseguia em seu galanteio à filha de Van Tassel à beira da fonte, sob o grande olmo, ou em passeios ao declinar da tarde, hora que se mostra tão propícia à eloquência dos amant

Confesso não saber como se conquistam os corações das mulheres. Para mim, sempre foram um enigma e motivo de admiração. Algumas parecem ter apenas um ponto vulnerável, ou uma única porta de acesso; ao passo que outras possuem mil caminhos e podem ser conquistadas de mil

maneiras diversas. É um grande triunfo de habilidade vencer as primeiras, mas prova ainda maior de estratégia manter a posse das últimas, porquanto o homem precisa lutar por sua fortaleza a cada porta e janela. Aquele que conquista mil corações comuns merece, por conseguinte, certa fama; mas aquele que mantém domínio incontestável sobre o coração de uma coquete é, em verdade, um herói. Certamente, esse não era o caso do temível Brom Bones; e, a partir do momento em que Ichabod Crane deu início às suas investidas, o interesse daquele visivelmente declinou: seu cavalo não era mais avistado atado à cerca nas noites de domingo, e uma querela mortal surgiu gradualmente entre ele e o preceptor de Sleepy Hollow.

Brom, que guardava um certo brio de cavalheirismo rude em sua índole, teria preferido resolver a contenda em campo aberto e decidir suas pretensões à dama segundo o costume daqueles raciocinadores mais concisos e simples, os cavaleiros andantes de outrora — por meio de um combate singular. Ichabod, contudo, estava cômico demais da superioridade física de seu oponente para entrar na arena contra ele; ouvira Bones jactar-se de que haveria de “dobrar o professor ao meio e arrumá-lo em uma prateleira de sua própria escola”, e era cauteloso em demasia para dar-lhe tal oportunidade. Havia algo de extremamente provocativo nesse sistema de obstinada paz, o que não deixou a Brom outra alternativa senão recorrer à sua sagacidade rústica e urdir pilhérias pesadas contra o rival.

Ichabod tornou-se, assim, o alvo de uma perseguição implacável por parte de Bones e de seu bando de cavaleiros rudes. Invadiram seus domínios até então pacíficos; perturbaram sua escola de canto a entupir a chaminé; assaltaram o prédio à noite, a despeito das fortes cercas de vime e das estacas que guarneciam as janelas, e reviraram tudo de cabeça para baixo, de sorte que o pobre mestre-escola começou a crer que todas as bruxas da região ali se reuniam. Mas o que se mostrava ainda mais mortificante era o fato de Brom aproveitar cada ensejo para ridicularizá-lo perante a sua amada; e possuía ele um cão vadio a quem ensinara a ganhar da maneira mais burlesca, a fim de o apresentar como rival de Ichabod a instruí-la na arte da salmodia.

Assim as coisas prosseguiram por algum tempo, sem produzir alteração real na situação das forças em disputa. Numa bela tarde de outono, o mestre, absorto em pensamentos, sentava-se entronizado no alto banco de onde costumava vigiar os acontecimentos de seu pequeno reino literário. Em sua mão, ele balançava uma palmatória, verdadeiro cetro do poder despótico; a vara da justiça repousava sobre três pregos atrás do trono, como advertência constante aos malfeitores, enquanto sobre a mesa à sua frente viam-se diversos artigos de contrabando e armas proibidas, confiscados a crianças ociosas, tais como maçãs mordidas, estilingues, cata-ventos, prisões de moscas e legiões inteiras de galos de papel. Algum ato severo de disciplina parecia ter ocorrido há pouco, pois os alunos se mostravam absortos em seus livros, ou cochichavam de forma furtiva atrás deles, com um olho fixo no mestre; um silêncio profundo, que apenas o zumbido das moscas quebrava, reinava por toda a sala de aula. Esse estado de coisas sofreu súbita interrupção com a chegada de um mensageiro com jaqueta e calças de estopa, que trazia na cabeça um chapéu redondo e gasto, à semelhança do gorro de Mercúrio. Vinha ele montado no lombo de um potro arisco, mal domado, que controlava por meio de uma corda a servir de cabresto. O cavaleiro deteve-se à porta da escola a fim de entregar a Ichabod um convite para o folguedo que haveria de se realizar naquela mesma noite na residência do senhor Van Tassel. Após transmitir a mensagem com aquela pompa e

esforço de linguagem rebuscada que os criados costumam ostentar em embaixadas dessa natureza, ele cruzou o riacho a galope e sumiu pela colina, imbuído da pressa e da relevância de sua missão.

Instalou-se, de pronto, completa agitação no recinto até então silencioso. Os alunos foram apressados em suas tarefas, sem que o mestre se detivesse em minúcias; os mais ágeis saltavam metade das lições sem sofrer censura, ao passo que os mais tardios recebiam um leve estímulo da vara, para que apressassem o passo ou superassem alguma palavra difícil. Os volumes foram guardados de qualquer modo, os tinteiros recolhidos, os bancos virados de lado, e toda a escola recebeu liberdade uma hora antes do tempo habitual. Os meninos saíram em bando, a correr e a soltar gritos de júbilo pelo gramado, entregues à alegria daquela emancipação antecipada.

O galante Ichabod passou então pelo menos mais meia hora em sua tosa, escovando e ajeitando seu melhor, e na verdade único, terno preto enferrujado, e arrumando os cabelos com um pedaço de espelho quebrado que estava pendurado na escola. Para que pudesse comparecer perante sua senhora no verdadeiro estilo de um cavalheiro, ele pegou emprestado um cavalo do fazendeiro com quem morava, um velho holandês colérico chamado Hans Van Ripper, e, assim galantemente montado, partiu como um cavaleiro andante em busca de aventuras. Mas é apropriado que eu, no verdadeiro espírito de uma história romântica, descreva a aparência e os apetrechos do meu herói e de seu corcel. O animal que ele montava era um cavalo de arado acabado, que havia sobrevivido a quase tudo, exceto à sua ferocidade. Ele era magro e peludo, com um pescoço de ovelha e uma cabeça como um martelo; sua crina e cauda enferrujadas estavam emaranhadas e cheias de nós de rebarbas; Um dos olhos havia perdido a pupila e brilhava intensamente, como um fantasma, mas o outro tinha o brilho de um verdadeiro demônio. Ainda assim, ele devia ter tido fogo e coragem em seus dias, a julgar pelo nome que carregava: Pólvora. De fato, ele fora o cavalo favorito de seu dono, o colérico Van Ripper, um cavaleiro furioso que, muito provavelmente, infundira um pouco de seu próprio espírito no animal; pois, por mais velho e debilitado que parecesse, havia nele mais do demônio à espreita do que em qualquer potra jovem da região.

Ichabod era uma figura adequada para tal corcel. Cavalgava com estribos curtos, que lhe elevavam os joelhos quase até o pomo da sela; seus cotovelos afiados se projetavam como os de gafanhotos; carregava o chicote perpendicularmente na mão, como um cetro, e, enquanto seu cavalo trotava, o movimento de seus braços lembrava o bater de asas. Um pequeno chapéu de lã repousava sobre seu nariz, pois assim se poderia chamar sua escassa faixa de testa, e as abas de seu casaco preto esvoaçavam quase até a cauda do cavalo. Tal era a aparência de Ichabod e seu corcel ao saírem cambaleando do portão de Hans Van Ripper, uma aparição tão rara que raramente se vê em plena luz do dia.

Era, conforme já mencionado, um belo dia outonal; o céu mostrava-se límpido e sereno, e a natureza ostentava aquela rica e dourada tonalidade que sempre se associa à ideia de abundância. As florestas haviam se tingido de seus tons sóbrios de marrom e amarelo, ao passo que algumas árvores mais tenras, tocadas pelas geadas, exibiam matizes vibrantes de laranja, roxo e escarlate. Rebanhos de patos selvagens começavam a surgir no alto do firmamento; o ganido do esquilo fazia-se ouvir nos bosques de faias e nogueiras, e o assobio melancólico da codorna ecoava, de tempos em tempos, no campo de restolho vizinho.

As pequenas aves realizavam seus banquetes de despedida. No auge daquela algazarra, voavam e brincavam de arbusto em arbusto e de árvore em árvore, caprichosas perante a profusão e a variedade ao seu redor. Ali se encontrava o honesto tordo-americano, presa favorita dos jovens caçadores, com seu canto alto e queixoso; os melros, a chilrear em nuvens negras; o pica-pau-de-asas-douradas, com sua crista carmesim, sua larga gola negra e plumagem esplêndida; o pássaro-do-cedro, com as pontas das asas vermelhas, a cauda de extremidade amarela e seu pequeno topete; e o gaio-azul, aquele pavão ruidoso, em seu alegre casaco azul-claro e penugem alva, a clamar e a tagarelar, a acenar com a cabeça e a fazer reverências, em simulação de boa harmonia com todos os cantores do bosque.

Enquanto Ichabod cavalgava lentamente, seu olhar, sempre atento a cada sinal de opulência culinária, percorria com deleite os tesouros do generoso outono. Por todos os lados, avistava vastas plantações de maçãs; algumas pendiam em opulência pesada nos ramos; outras, colhidas em cestos e barris para o comércio; outras ainda, acumuladas em montes ricos para a produção de cidra. Mais adiante, divisava extensos campos de milho, com as espigas douradas a espreitar por entre as folhas, em promessa de bolos e pudins; e as abóboras amarelas logo abaixo, a exhibir as formas redondas ao sol, em antecipação às tortas mais apetitosas; logo depois, passava pelos perfumados campos de trigo-sarraceno, a exalar o aroma das colmeias, e, ao contemplá-los, suaves expectativas invadiam sua mente, a imaginar deliciosos bolinhos de massa, bem amanteigados e guarnecidos com mel ou melaço, saídos da delicada mão de Katrina Van Tassel.

A alimentar a mente com tais pensamentos doces e “conjecturas açucaradas”, ele viajou pelas encostas de uma cadeia de colinas que oferecem vistas amplas do majestoso rio Hudson. O sol gradualmente volvia seu amplo disco para o oeste. O vasto leito do Tappan Zee permanecia imóvel e espelhado, salvo por suave ondulação aqui e ali, que prolongava a sombra azul da montanha distante. Algumas nuvens de tom âmbar flutuavam no céu, sem que brisa alguma as movesse. O horizonte exibia uma bela tonalidade dourada, a mudar gradualmente para um verde-maçã puro, e deste para o azul profundo do zênite. Um raio oblíquo detinha-se sobre os cumes arborizados dos penhascos que se debruçavam sobre partes do rio, a conferir maior profundidade ao cinza-escuro e ao roxo de suas encostas rochosas. Uma chalupa vagava ao longe, a descer lentamente com a maré, com a vela suspensa sem uso contra o mastro; e, enquanto o reflexo do firmamento brilhava na água calma, a embarcação parecia flutuar no ar.

Ao cair da noite, Ichabod chegou à suntuosa morada do senhor Van Tassel, a qual encontrou repleta com a nata da região vizinha. Viam-se velhos fazendeiros, raça magra de semblante curtido pelo sol, paramentados com casacos e calças de tecido caseiro, meias azuis, sapatos enormes e magníficas fivelas de estanho. Ao lado deles, suas operosas consortes, com toucas impecavelmente engomadas, vestidos curtos de cintura alta, saias de estopa, além de tesouras, alfineteiros e bolsos de chita colorida pendurados pelo lado de fora. As moças, robustas, mostravam-se quase tão antiquadas quanto as mães, à exceção de algum chapéu de palha, uma fita fina ou talvez um vestido alvo, indícios de sutil modernidade urbana. Os rapazes exibiam casacos curtos de abas quadradas, adornados por fileiras de enormes botões de latão, com os cabelos trazidos em tranças segundo o costume da época — em especial se lograssem obter uma pele de enguia para esse fim, porquanto esta gozava em toda a região da fama de poderoso nutriente e fortalecedor capilar.

Brom Bones, todavia, figurava como o herói da noite, a comparecer à reunião montado em seu cavalo favorito, o Destemido; criatura que, à semelhança do dono, transbordava vigor e caprichos, e a quem ninguém além dele próprio conseguia subjugar. De fato, ele era conhecido por preferir animais de temperamento feroz, dados a toda sorte de ardis que mantivessem o cavaleiro em constante risco de quebrar o pescoço, pois considerava a montaria dócil e submissa indigna de um jovem de espírito livre.

Muito aprazia a este narrador deter-se no mundo de encantos que se revelou ao olhar extasiado de nosso mestre-escola ao ingressar no salão principal da mansão. Não o encanto daquele bando de moças viçosas, com sua exuberante vivacidade; mas o vasto encanto de uma autêntica mesa de chá colonial holandesa, na suntuosa estação do outono. Havia travessas repletas de bolos de várias espécies, quase indescritíveis, familiares apenas às experientes donas de casa de origem holandesa! Destacavam-se o robusto bolo frito, o delicado olykoek e o crocante cruller; broas doces e amanteigadas, bolos de gengibre, bolos de mel e toda a variedade de panificação. Somavam-se a isso tortas de maçã, de pêssago e de abóbora; além de fatias de presunto e carne defumada; e ainda pratos apetitosos de ameixas, pêssagos, peras e marmelos em conserva; sem esquecer o peixe grelhado e os frangos assados; tudo ladeado por tigelas de leite e creme, disposto em feliz desordem, tal qual se enumerou aqui, com o imponente bule de chá a expelir suas nuvens de vapor bem ao centro da mesa. Faltam fôlego e tempo a este cronista para descrever tamanha opulência como de direito, dada a pressa em prosseguir com a história. Felizmente, Ichabod Crane não partilhava da urgência de seu historiador, e fez jus a cada iguaria.

Ele era uma criatura bondosa e agradecida, cujo coração se dilatava à medida que o estômago se enchia de contentamento, e cujo ânimo se elevava com a comida, tal como o de alguns homens com a bebida. Não conseguia evitar, também, de revirar os grandes olhos enquanto comia e de rir em silêncio perante a possibilidade de, um dia, ser o senhor de toda aquela cena de luxo e esplendor quase inimagináveis. Então, pensava ele, em breve daria as costas à velha escola; estalaria os dedos na cara de Hans Van Ripper e de todos os outros protetores mesquinhos, e expulsaria com desdém qualquer pedagogo itinerante que ousasse chamá-lo de camarada!

O velho Baltus Van Tassel circulava entre os convidados com o rosto radiante de satisfação e bom humor, redondo e alegre como a lua cheia. Suas atenções hospitaleiras eram breves, mas expressivas, e se limitavam a um aperto de mão, um tapinha no ombro, uma gargalhada sonora e um convite insistente para que todos se servissem à vontade.

Pouco depois, o som da música vinda do salão principal chamou os presentes para a dança. O músico era um velho negro de cabelos grisalhos, que atuava como a orquestra itinerante do vilarejo por mais de meio século. Seu instrumento mostrava-se tão antigo e surrado quanto o próprio dono. Na maior parte do tempo, ele dedilhava duas ou três cordas, a acompanhar cada movimento do arco com um aceno da cabeça; curvava-se quase até o chão e batia o pé sempre que um novo par se dispunha a iniciar o baile.

Ichabod orgulhava-se tanto de sua destreza na dança quanto de seu talento vocal. Nenhum membro, nenhuma fibra de seu corpo permanecia inerte; e, ao ver aquela estrutura esguia em pleno

movimento a percorrer o salão, dir-se-ia que o próprio São Vito, o bem-aventurado patrono dos dançarinos, estava em pessoa a se apresentar ali. Ele era o foco de admiração dos criados que, reunidos em todas as idades e tamanhos, vindos da fazenda e das redondezas, formavam uma verdadeira fileira de rostos brilhantes a espreitar por cada porta e janela. Contemplavam a cena com deleite, a revirar os olhos e a exhibir sorrisos largos de orelha a orelha. Como poderia o mestre-escola não estar animado e jubiloso? A eleita de seu coração era sua parceira na dança e sorria com graça em resposta a todos os seus olhares amorosos; enquanto isso, Brom Bones, tomado por profundo ciúme, permanecia sentado, solitário e pensativo, em um canto do aposento.

Terminada a dança, Ichabod sentiu-se atraído por um grupo de homens mais vividos que, na companhia do velho Van Tassel, sentavam-se a fumar em uma das extremidades da varanda. Entre as nuvens de fumo, conversavam sobre os tempos idos e partilhavam longos relatos sobre a época da guerra.

Aquele reduto, na época a que me refiro, figurava como um daqueles lugares privilegiados, fartos em crônicas e em grandes personagens. A linha divisória entre as forças britânicas e americanas passara bem próxima dali durante o conflito; fora, por conseguinte, cenário de constantes saques e acabou infestada por refugiados, salteadores e toda sorte de guerrilheiros da fronteira. Tempo suficiente já havia transcorrido para que cada narrador pudesse adornar seu relato com uma dose conveniente de ficção e, mercê da imprecisão de suas memórias, converter-se no herói de cada façanha descrita.

Ouvia-se a história de Doffue Martling, um holandês avantajado de barba azulada, que por pouco não capturara uma fragata britânica com o auxílio de um velho canhão de ferro de nove libras, disparado de uma trincheira de lama — desgraçadamente, a peça de artilharia explodiu ao sexto tiro. Havia também um velho cavaleiro, cujo nome omitirei por tratar-se de homem de posses consideráveis para ser evocado de forma leviana; contava ele que, na batalha de White Plains, mercê de sua destreza na arte da defesa, aparara uma bala de mosquete com sua pequena espada, de tal modo que sentira o projétil zunir ao redor da lâmina e ricochetear no punho. Para provar o feito, mostrava-se sempre disposto a exhibir a dita espada, cujo punho guardava uma sutil curvatura. Outros tantos ali reunidos haviam sido igualmente grandiosos nos campos de batalha, e nenhum deles nutria a menor dúvida de que sua participação fora decisiva para que a guerra alcançasse um desfecho afortunado.

Mas tudo isso nada representava em confronto com as histórias de fantasmas e aparições que se seguiram. A região é fértil em tesouros lendários dessa natureza. Os contos e as superstições locais vicejam melhor nesses refúgios protegidos e consolidados; por outro lado, acabam sufocados pela multidão itinerante que compõe a população da maioria de nossas vilas rurais. Além disso, não há incentivo para os espectros na maior parte de nossas aldeias: mal encontram tempo para terminar o primeiro sono e se voltar nas sepulturas, e seus amigos sobreviventes já abandonaram a região; de sorte que, ao saírem à noite para as suas rondas, não mais encontram conhecidos a quem recorrer. Quiçá resida aí a razão pela qual tão raramente se ouve falar de assombrações, a não ser nas comunidades holandesas de longa tradição.

A causa imediata, contudo, para a prevalência de relatos sobrenaturais nessas paragens devia-se, sem dúvida, à proximidade de Sleepy Hollow. Havia um contágio no próprio ar que soprava daquela paragem assombrada; exalava uma atmosfera de sonhos e fantasias que infectava toda a região. Vários moradores de Sleepy Hollow achavam-se presentes na festividade e, como de costume, partilhavam suas lendas fantásticas e extraordinárias. Muitas crônicas lúgubres foram narradas sobre cortejos fúnebres, clamores e lamentos, ouvidos e testemunhados ao redor da grande árvore onde o infeliz Major André fora capturado — espécime situada ali nas proximidades. Fez-se menção também à dama de branco, que rondava o vale escuro de Raven Rock e cuja voz se ouvia, amiúde, a clamar nas noites de inverno antes da chegada de uma tempestade, por ter perecido outrora em meio à neve. A maior parte das narrativas, contudo, convergia para o espectro favorito de Sleepy Hollow: o Cavaleiro Sem Cabeça, de quem se dizia ter patrulhado a comarca com frequência nos últimos tempos, além de amarrar sua montaria, a cada noite, entre os túmulos do cemitério.

A localização isolada desta igreja parece tê-la tornado, desde sempre, o refúgio predileto dos espíritos atormentados. Ergue-se o templo sobre uma colina, cercado por acácias e olmos imponentes, de onde suas paredes modestas e caiadas brilham discretamente, qual pureza cristã a irradiar através das sombras da reclusão. Uma suave encosta desce até um espelho de água prateado, ladeado por altas árvores, entre as quais se vislumbram as colinas azuis do rio Hudson. Ao contemplar o seu pátio gramado, onde os raios de sol parecem repousar em doçura e serenidade, dir-se-ia que ali, ao menos, os mortos poderiam descansar em paz. De um lado da igreja estende-se um amplo vale arborizado, por onde corre um riacho volumoso entre rochas partidas e troncos caídos. Sobre um trecho escuro e profundo dessas águas, não muito longe do templo, existia outrora uma ponte de madeira; a estrada que a ela conduzia, bem como a própria estrutura, eram densamente sombreadas por árvores frondosas que projetavam ali uma atmosfera sombria, mesmo durante o dia, mas que provocava uma escuridão terrível à noite. Tal era um dos redutos favoritos do Cavaleiro Sem Cabeça, e o local onde ele era encontrado com maior frequência. Contava-se a história do velho Brouwer, um herético que não acreditava em fantasmas: ao encontrar o Cavaleiro que retornava de sua incursão a Sleepy Hollow, viu-se compelido a segui-lo; galoparam por arbustos e matagais, por colinas e pântanos, até alcançarem a ponte, momento em que o Cavaleiro subitamente se transformou em um esqueleto, arremessou o velho Brouwer no riacho e saltou por sobre as copas das árvores com um estrondo de trovão.

Essa crônica foi de pronto superada por uma aventura três vezes mais portentosa de Brom Bones, que ridicularizava o Hessiano Galopante como um cavaleiro de pouco brio. Afirmava ele que, ao retornar certa noite da vila vizinha de Sing Sing, fora alcançado por esse viajante noturno; propusera-lhe então uma corrida em troca de uma tigela de ponche e decerto teria vencido, pois o Destemido superava a montaria fantasmagórica com facilidade, mas, no instante em que atingiram a ponte da igreja, o Hessiano disparou à frente e desapareceu em um clarão de fogo.

Todas essas histórias, narradas naquele tom sonolento com que os homens conversam no escuro, com os semblantes dos ouvintes a receber apenas o brilho casual da luz de um cachimbo, ficaram profundamente gravadas na mente de Ichabod. Ele as retribuiu com longos trechos de seu inestimável autor, Cotton Mather, e acrescentou muitos eventos portentosos que haviam ocorrido

em seu estado natal, Connecticut, além de cenas assustadoras que ele próprio presenciara em suas caminhadas noturnas por Sleepy Hollow.

A festividade foi se dispersando aos poucos. Os velhos fazendeiros reuniram as famílias em suas carroças e, por algum tempo, ouviram-se os veículos a percorrer as estradas sinuosas e as colinas distantes. Algumas moças subiram na garupa dos pretendentes favoritos, e suas risadas alegres, misturadas ao ruído dos cascos, ecoaram pelos bosques silenciosos, a soar cada vez mais fracas, até que gradualmente se extinguiram — e a cena anterior de ruído e folia tornou-se silenciosa e deserta. Ichabod apenas ficou para trás, segundo o costume dos namorados do campo, para uma conversa a sós com a herdeira, plenamente convicto de que se achava no caminho certo para o sucesso.

O que se passou nesse encontro, não pretendo relatar, pois, em verdade, não sei. Algo, contudo, receio que tenha corrido mal, pois ele certamente saiu, logo em seguida, com um ar bastante desolado e abatido. Oh, as mulheres! Essas mulheres! Seria possível que a moça estivesse apenas a usar um de seus ardis de coquete? Seria o incentivo ao pobre pedagogo mera farsa para assegurar o triunfo do rival? Só Deus sabe, eu não! Basta dizer que Ichabod se retirou de forma furtiva, com ares de quem saqueara um galinheiro, e não o coração de uma dama. Sem olhar para os lados a fim de admirar a riqueza rural de que tantas vezes se vangloriara, foi direto ao estábulo e, com vários puxões e pancadas vigorosas, despertou sua montaria de forma rude de seus aposentos confortáveis, onde o animal dormia profundamente, a sonhar com montanhas de milho e aveia e vales inteiros de feno e trevo.

Era a hora mais escura da noite quando Ichabod, de coração pesado e abatido, prosseguia em sua jornada de volta para casa, pelas encostas das altas colinas que se elevam acima de Tarry Town, as mesmas que ele havia atravessado com tanta alegria à tarde. A hora mostrava-se tão sombria quanto ele próprio. Bem abaixo, o Tappan Zee estendia-se em sua imensidão escura e indistinta, com o mastro alto de uma chalupa a surgir aqui e ali, ancorada silenciosamente sob a proteção da terra. No silêncio sepulcral da meia-noite, ele conseguia até mesmo ouvir o latido do cão de guarda na margem oposta do Hudson; o som, contudo, vinha tão vago e fraco que apenas dava uma ideia de sua imensa distância daquele fiel companheiro. De vez em quando, também, o longo canto de um galo, despertado ao acaso, ressoava ao longe, vindo de alguma fazenda distante entre as colinas — mas era como um som de sonho em seus ouvidos. Não havia sinais de vida perto dele, salvo o canto melancólico de um grilo ou, porventura, o coaxar gutural de um sapo-boi vindo de um pântano próximo, qual criatura a dormir com desconforto e a se virar de súbito no leito.

Todas as histórias de fantasmas e duendes que ouvira à tarde inundavam sua memória. A noite ficava cada vez mais escura; as estrelas pareciam afundar no firmamento, e nuvens carregadas ocasionalmente as ocultavam de sua vista. Nunca se sentira tão solitário e desolado. Além disso, aproximava-se do próprio local onde muitas das cenas das histórias de assombração haviam ocorrido. No centro do caminho, erguia-se uma enorme tulipeira, que se destacava como um gigante acima de todas as outras árvores da vizinhança, a servir de ponto de referência. Seus galhos eram nodosos e fantásticos, grandes o suficiente para formar troncos de árvores comuns, a se retorcer quase até o chão para depois se elevar novamente no ar. Estava a árvore ligada à trágica história do

infeliz André, que fora feito prisioneiro nas proximidades, e era universalmente conhecida como a árvore do Major André. O povo comum a encarava com uma mistura de respeito e superstição, em parte por compaixão pelo destino de seu homônimo desafortunado, em parte pelos relatos de estranhas aparições e lamentos tristes que se contavam a seu respeito.

Ao se aproximar daquela árvore assustadora, Ichabod começou a assobiar; pensou que seu assobio tivesse sido respondido, mas era apenas uma rajada de vento cortante a varrer os galhos secos. Ao se aproximar um pouco mais, pareceu-lhe ver algo branco, suspenso no meio da copa: parou e cessou o som, mas, ao olhar com maior atenção, percebeu que era um ponto onde a árvore havia sido atingida por um raio, com a madeira alva exposta. De repente, ouviu um gemido — seus dentes bateram e seus joelhos chocaram-se contra a sela; era apenas o atrito de um enorme galho contra outro, a balançar com a brisa. Ele passou pela árvore em segurança, mas novos perigos o aguardavam.

A cerca de duzentos metros da tulipeira, um pequeno riacho cruzava a estrada e desaguava em um vale pantanoso e densamente arborizado, conhecido como Pântano de Wiley. Alguns troncos rústicos, dispostos lado a lado, serviam de ponte sobre as águas. Do lado da estrada por onde o riacho entrava na mata, um grupo de carvalhos e castanheiros, cobertos por densa vegetação de videiras silvestres, lançava uma sombra profunda sobre o local. Atravessar essa ponte constituía a provação mais difícil. Fora exatamente nesse ponto que o infeliz André fora capturado, e sob a proteção daqueles castanheiros e videiras ocultavam-se os robustos camponeses que o surpreenderam. Desde então, esse riacho passou a ser considerado assombrado, e o temor é o sentimento que domina o estudante que precisa cruzá-lo sozinho após o anoitecer.

Ao se aproximar do riacho, seu coração começou a palpitar; reuniu, porém, toda a sua resolução, desferiu seis calcanhares nas costelas do cavalo e tentou atravessar a ponte a galope; mas, em vez de avançar, o velho e teimoso animal fez um movimento lateral e chocou-se de lado contra a cerca. Ichabod, cujo medo aumentava com a demora, puxou as rédeas para o outro lado e chutou vigorosamente com o pé contrário: tudo em vão; seu cavalo arrancou, é verdade, mas apenas para mergulhar no lado oposto da estrada, em meio a um emaranhado de sarças e amieiros. O mestre-escola então fustigou e castigou as costelas famintas do velho Pólvora, o qual disparou para a frente, a fungar e a bufar, mas parou de súbito bem ao lado da ponte, com uma guinada brusca que quase atirou o cavaleiro de cabeça ao solo. Nesse exato momento, um ruído pesado e úmido ao lado da ponte chamou a atenção do sensível ouvido de Ichabod. Na penumbra do bosque, à beira do riacho, ele avistou algo enorme, disforme e imponente. Não se movia, mas parecia recolhido na escuridão, qual monstro gigantesco pronto para saltar sobre o viajante.

Os cabelos do pálido pedagogo eriçaram-se de terror. O que fazer? Voltar e fugir já era tarde demais; além disso, que chance haveria de escapar de um espectro ou duende, se de fato o fosse, que podia cavalgar nas asas do vento? Reunindo, então, um resto de coragem, inquireu com a voz trêmula: "Quem é você?" Não obteve resposta. Repetiu a pergunta com a voz ainda mais agitada. Ainda assim, o silêncio persistiu. Mais uma vez, golpeou os flancos do inflexível Pólvora e, a fechar os olhos, irrompeu com fervor involuntário em um cântico religioso. Nesse instante, o objeto sombrio do alarme moveu-se e, com um salto e um movimento brusco, postou-se no meio da

estrada. Embora a noite estivesse escura e sombria, a silhueta do desconhecido podia agora ser, em certa medida, identificada. Parecia um cavaleiro de grande estatura, montado em um corcel negro de porte poderoso. Não demonstrou intenção de ataque ou de sociabilidade, mas manteve-se afastado em um lado do caminho, a trotar ao lado cego do velho Pólvora, que agora havia superado o pavor e o comportamento rebelde.

Ichabod, que não nutria o menor apreço por aquele estranho companheiro da meia-noite e trazia à memória a aventura de Brom Bones com o Hessiano Galopante, apressou o passo de sua montaria na esperança de deixá-lo para trás. O desconhecido, todavia, acelerou o próprio corcel para emparelhar o ritmo. Ichabod deteve-se e passou a marchar a passo lento, com o intuito de ficar na retaguarda — o outro agiu da mesma forma. O coração do mestre-escola começou a desfalecer; tentou reatar a melodia do salmo, mas a língua ressecada colou-se ao palato e ele não logrou articular uma única estrofe. Havia algo no silêncio taciturno e obstinado daquele persistente companheiro que se mostrava misterioso e terrível. Logo, o motivo revelou-se de forma espantosa. Ao galgar um terreno elevado, que fez com que a silhueta do viajante se destacasse contra o céu, gigantesca em estatura e envolta em um manto, Ichabod ficou horrorizado ao perceber que o vulto carecia de cabeça! Seu espanto cresceu ainda mais ao notar que a cabeça, a qual deveria estar sobre os ombros, era carregada à frente, no pomo da sela! O pavor converteu-se em desespero; desferiu uma chuva de chutes e pancadas em Pólvora, na expectativa de, com uma arrancada súbita, despistar o companheiro; o espectro, contudo, saltou em marcha idêntica. Partiram, assim, em desabalada carreira por entre a vegetação densa e irregular; pedras voavam e faíscas fulguravam a cada lance dos cascos. As vestes folgadas de Ichabod esvoaçavam ao vento, enquanto ele estendia o corpo longo e esguio sobre o pescoço do cavalo, no afã de sua fuga.

Alcançaram a estrada que conduzia a Sleepy Hollow; mas Pólvora, que parecia possuído por um demônio, em vez de seguir o rumo habitual, fez uma curva oposta e desceu a toda velocidade para a esquerda. Essa vertente cruza um vale arenoso e sombreado por árvores por cerca de quatrocentos metros, onde se situa a ponte célebre nas crônicas de assombração; e logo adiante, eleva-se o pequeno monte verdejante onde repousa a igreja caiada.

Até aquele ponto, o pânico da montaria concedera ao seu inexperiente cavaleiro aparente vantagem na perseguição; assim que ele percorreu metade do vale, contudo, as cilhas da sela cederam e ele a sentiu deslizar por baixo de si. Agarrou-a pelo pomo e tentou mantê-la firme, mas tudo em vão; teve apenas o tempo de salvar-se a abraçar o pescoço do velho Pólvora, quando a sela caiu ao solo e ele a ouviu ser pisoteada pelo perseguidor. Por um breve instante, o temor da fúria de Hans Van Ripper cruzou-lhe a mente — pois tratava-se de sua sela de domingo; não era hora, todavia, para receios insignificantes; o duende achava-se em seu encalço e o mestre, cavaleiro canhestro que era, encontrava imensa dificuldade para se manter firme; ora escorregava para um lado, ora para o outro, e por vezes via-se sacudido sobre a crista ossuda do dorso do animal, com uma violência que o fazia temer ser partido ao meio.

Uma clareira entre a vegetação trouxe-lhe alento, a acender a esperança de que a ponte da igreja estivesse próxima. O reflexo trêmulo de uma estrela prateada nas águas do riacho confirmou a suspeita. Divisou as paredes do templo a brilhar de forma discreta sob o arvoredor, logo adiante.

Lembrou-se, então, do ponto exato onde o fantasmagórico competidor de Brom Bones havia desaparecido. "Se eu lograr alcançar aquela ponte", pensou Ichabod, "estarei a salvo". Nesse preciso momento, ouviu o corcel negro a arquejar e a bufar logo atrás de si; chegou a imaginar que sentia o hálito quente do animal. Desferiu outro golpe convulsivo nas costelas da montaria, e o velho Pólvora saltou sobre a ponte; cruzou a trovejar as tábuas ressonantes e atingiu a margem oposta. Foi quando Ichabod lançou um olhar para trás, na expectativa de ver o perseguidor desvanecer-se em um clarão de fogo e enxofre, conforme mandava a tradição. Viu, em vez disso, o espectro erguer-se sobre os estribos, no ato de arremessar a própria cabeça contra ele. O mestre-escola tentou esquivar-se do terrível projétil, mas já era tarde. O objeto atingiu-lhe o crânio com um estrondo tremendo — ele foi lançado de cabeça na poeira, enquanto Pólvora, o cavalo negro e o cavaleiro fantasma passaram por ele como um furacão.

Na manhã seguinte, o velho cavalo foi encontrado sem a sela, com as rédeas sob os cascos, a pastar tranquilamente junto ao portão de seu dono. Ichabod não apareceu para o desjejum; chegou a hora do almoço, mas nada de Ichabod. Os meninos reuniram-se na escola e vaguearam ociosamente pelas margens do riacho; o mestre, contudo, também não se encontrava ali. Hans Van Ripper começou a sentir-se inquieto quanto ao destino do pobre professor e de sua sela. Uma investigação foi iniciada e, após diligente busca, encontraram-se os seus rastros. Em um trecho do caminho que conduzia à igreja, depararam com a sela pisoteada na lama; as marcas de cascos de cavalo, profundamente impressas na estrada, indício evidente de alta velocidade, levavam até a ponte, além da qual, na margem de um trecho largo do riacho, onde as águas corriam profundas e escuras, encontraram o chapéu do infeliz Ichabod e, bem ao lado, uma abóbora despedaçada.

O riacho foi vasculhado, mas o corpo do mestre-escola não foi localizado. Hans Van Ripper, na condição de executor de seus poucos bens, examinou o fardo que continha todos os pertences do desaparecido. Consistiam estes em duas camisas e meia; dois colarinhos; um ou dois pares de meias de lã; um velho par de calças de veludo cotelê; uma navalha enferrujada; um livro de salmos repleto de dobras nas páginas; e um diapasão quebrado. Quanto aos volumes e móveis da escola, pertenciam à comunidade, com exceção da História da Bruxaria de Cotton Mather, um Almanaque da Nova Inglaterra e um livro de sonhos e adivinhações; neste último havia uma folha de papel almaço muito rabiscada e borrada por várias tentativas infrutíferas de compor versos em homenagem à herdeira dos Van Tassel. Esses livros de magia e os rabiscos poéticos foram imediatamente lançados ao fogo por Hans Van Ripper, o qual, dali em diante, decidiu não mais enviar os filhos à escola, sob a observação de que nunca vira proveito algum em saber ler e escrever. Qualquer quantia que o professor possuísse — e ele havia recebido o pagamento trimestral apenas um ou dois dias antes —, decerto trazia consigo no momento de seu desaparecimento.

O misterioso acontecimento causou grande especulação na igreja no domingo seguinte. Grupos de curiosos e palreadores reuniam-se no cemitério, na ponte e no local exato onde o chapéu e a abóbora haviam sido encontrados. As crônicas de Brouwer, de Bones e de tantos outros foram trazidas à memória; e, após ponderá-las diligentemente e confrontá-las com as circunstâncias do caso em tela, os presentes balançavam a cabeça e convergiam na conclusão de que Ichabod fora arrebatado pelo Hessiano Galopante. Como se tratava de um homem solteiro e que não deixara

dívidas, ninguém mais se afligiu por sua ausência; a escola foi transferida para outra paragem do vale e outro pedagogo assumiu o posto vago.

É verdade que um velho fazendeiro, o qual visitara Nova York alguns anos mais tarde e de quem se obteve este relato da aventura fantasmagórica, trouxe a nova de que Ichabod Crane ainda vivia; constava que abandonara a comarca em parte por temor do duende e de Hans Van Ripper, em parte por vergonha de ter sido repellido de súbito pela herdeira. Segundo esse testemunho, o mestre transferira-se para uma região remota, onde exercera o magistério enquanto se dedicava ao estudo das leis; fora admitido na corporação dos advogados, ingressara na vida pública, fizera campanhas eleitorais, escrevera para os periódicos e, por fim, lograra o cargo de juiz do Tribunal das Dez Libras. Quanto a Brom Bones, que pouco tempo após o desaparecimento do rival conduziu a radiante Katrina triunfante ao altar, exibia um semblante extremamente perspicaz sempre que a história de Ichabod vinha à baila, e desandava a rir de forma sonora quando se mencionava a abóbora; o que levou alguns a suspeitar de que ele sabia muito mais sobre o assunto do que permitia revelar.

As velhas matronas do campo, todavia, que figuram como as melhores juízas nesses assuntos, asseveram até hoje que Ichabod foi arrebatado por meios sobrenaturais; e essa permanece como uma das histórias favoritas, frequentemente narrada pela vizinhança ao redor do lume nas noites de inverno. A ponte tornou-se, mais do que nunca, objeto de temor supersticioso; e essa talvez seja a razão pela qual o traçado da estrada foi alterado nos últimos anos, de modo a conduzir à igreja pela margem do lago. A escola, abandonada, logo caiu em ruínas e, segundo os relatos, passou a ser assombrada pelo espectro do infeliz pedagogo; e o lavrador que, ao retornar para casa em uma tranquila noite de estio, cruza aquela paragem, muitas vezes crê ouvir, ecoando na distância, a sua voz a entoar um salmo melancólico em meio à profunda quietude de Sleepy Hollow.

FIM